



ROSAMUND BARTLETT

TOLSTOI

A BIOGRAFIA



BIBLIOTECA AZUL

ROSAMUND BARTLETT

TOLSTOI

A BIOGRAFIA

tradução
Renato Marques



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © Rosamund Bartlett, 2010
Copyright da tradução © 2013 by Editora Globo s.a.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

(Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original:
Tolstoy. A russian life

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Juliana de Araujo Rodrigues
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Iuri Pereira
Revisão: Lucimara Carvalho
Bibliografia: Denise Bottmann
Capa: Delfin [Studio DelRey]
Diagramação: Negrito Produção Editorial
Foto de capa: © Bettmann/corbis
Índice remissivo: Luciano Marchiori
1ª edição, 2013

cip-brasil. catalogação na publicação
sindicato nacional dos editores de livros, rj

B295t
Bartlett, Rosamund
Tolstói: a biografia / Rosamund Bartlett; tradução Renato Marques. – 1. ed. – São Paulo: Globo, 2013.

il.

Tradução de: *Tolstoy: a Russian life*
Inclui bibliografia

isbn 978-85-250-5485-2

1. Tolstói, Leão, graf., 1828-1910 – Biografia. 2. Escritores russos – Biografia. i. Título.

13-01934 cdd: 928.9171

cdu: 929:821.161.1

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos por Editora Globo s.a.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – sp
www.globolivros.com.br

Índice

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Cronologia](#)

[Árvore Genealógica da Família Tolstói](#)

[Árvore Genealógica da Família Berhs](#)

[Mapa](#)

[Ilustração](#)

[Introdução](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[Epílogo](#)

[Caderno de imagens](#)

[Bibliografia de Tolstói no Brasil](#)

[Bibliografia selecionada](#)

[Créditos das imagens](#)

[Índice remissivo](#)

[Agradecimentos](#)

[Notas](#)

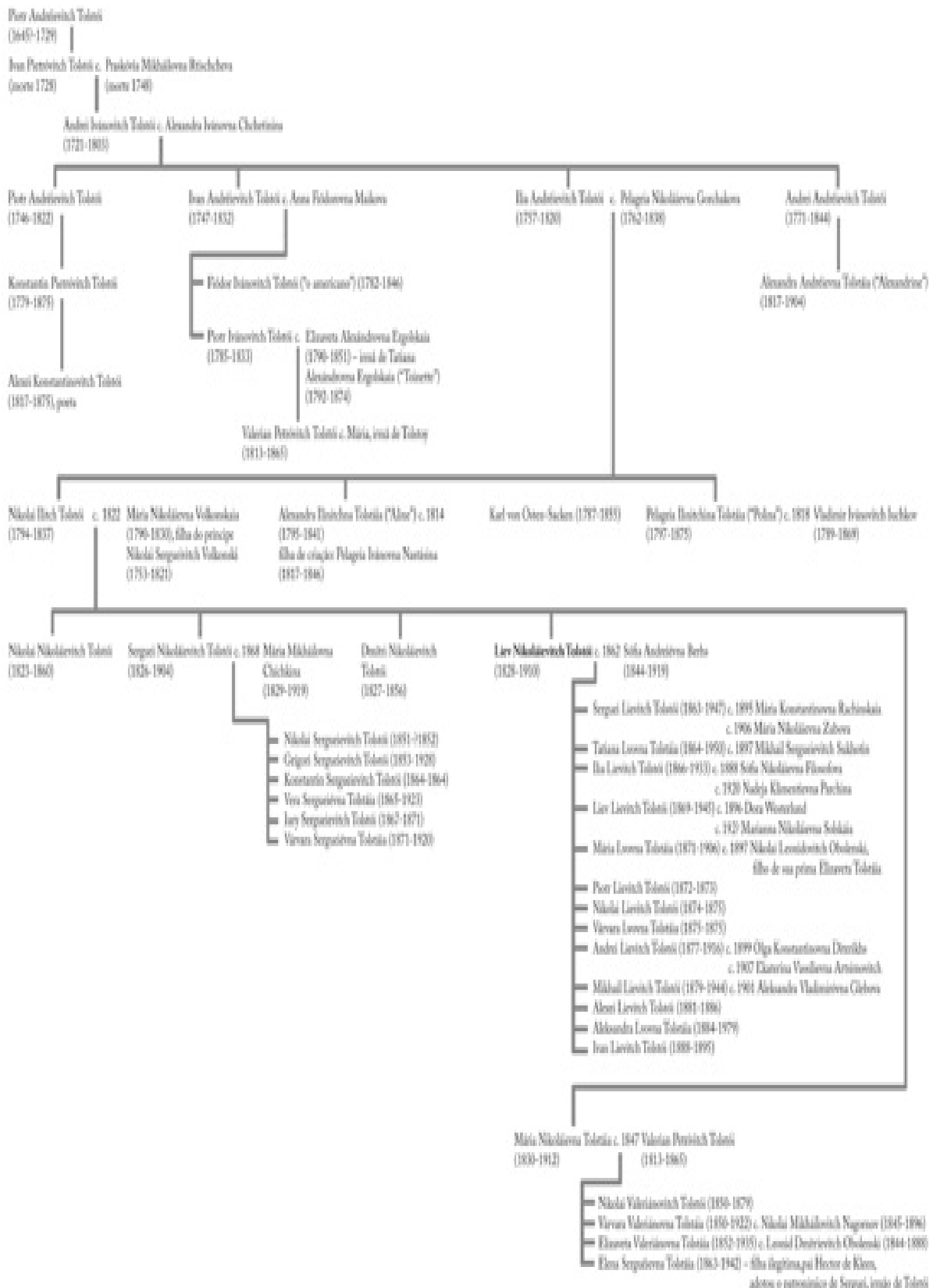
Para Lucy

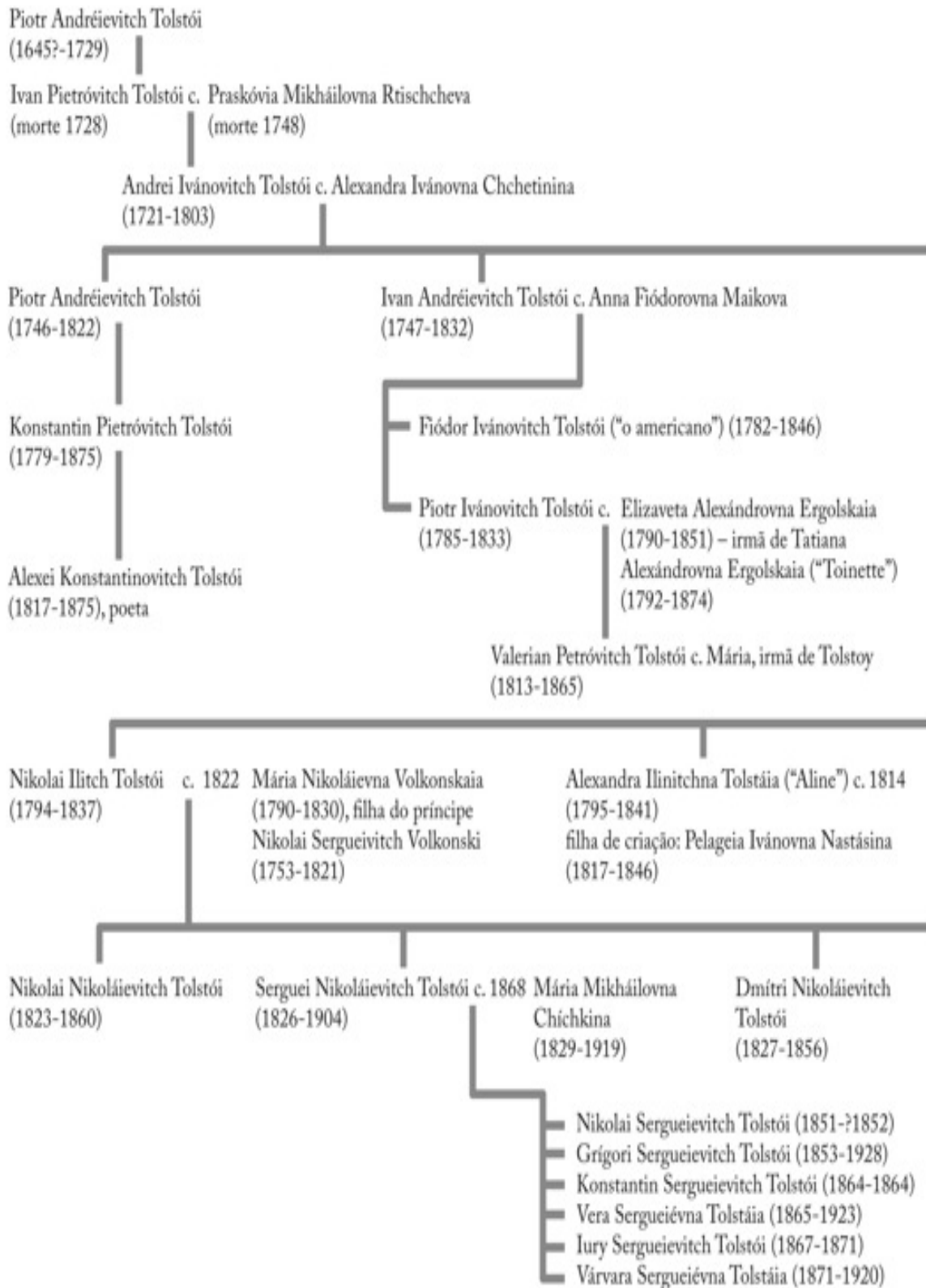
Cronologia

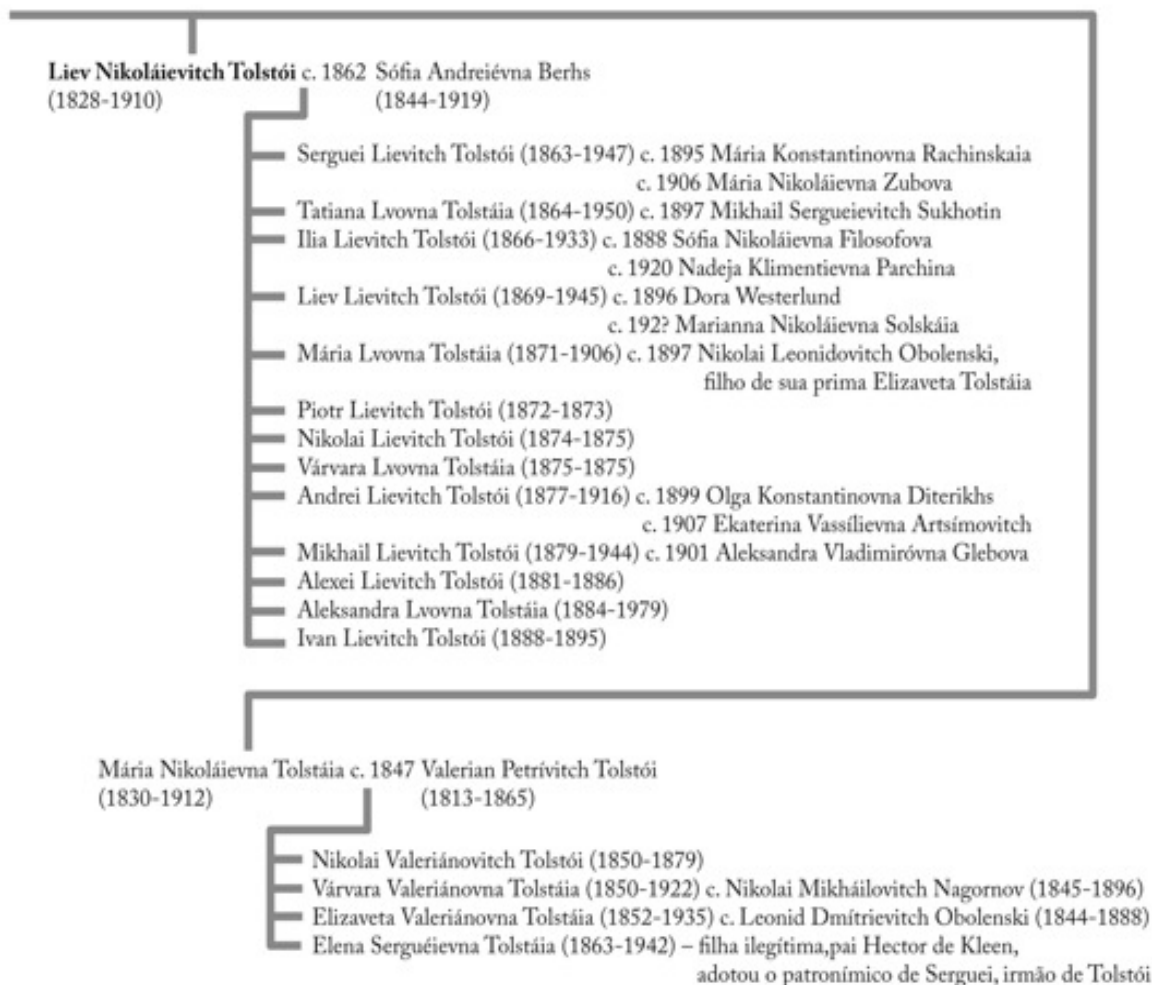
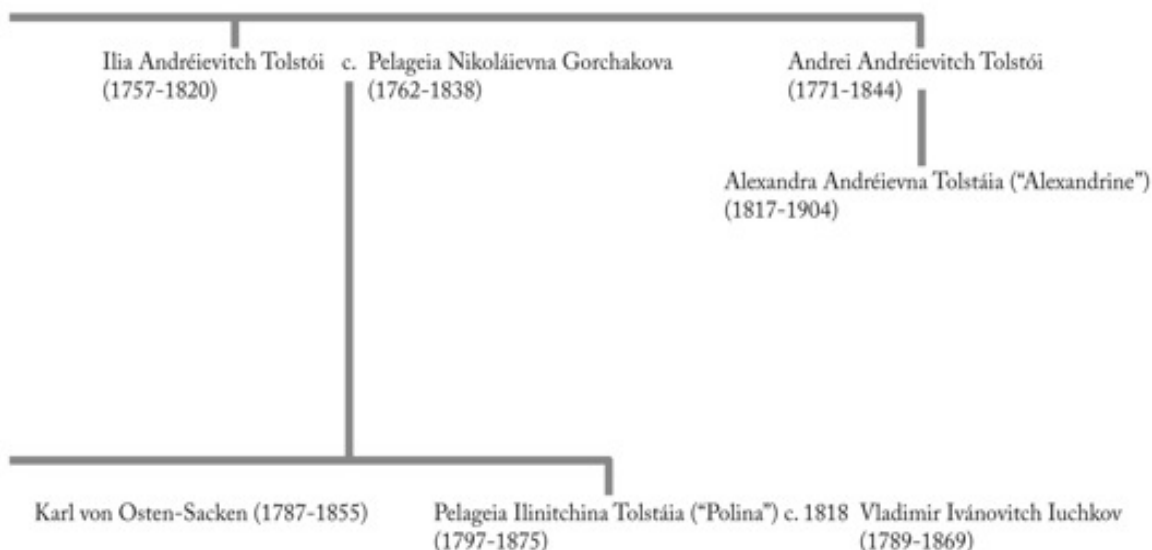
- 1828 – Nasce em Iásnaia Poliana, província de Tula
- 1830 – Morte da mãe de Tolstói
- 1837 – O pai morre pouco depois da mudança da família para Moscou
- 1841 – Tolstói e os quatro irmãos se mudam para Kazan
- 1844 – Tolstói ingressa na Universidade de Kazan
- 1847 – Começa a escrever seus diários; retorna a Iásnaia Poliana sem concluir a graduação e toma posse de sua herança
- 1851 – Viaja para o Cáucaso na companhia do irmão, Nikolai, e alista-se no exército
- 1852 – Publica *Infância*
- 1854 – Recebe a patente de alferes e se transfere para Bucareste, depois para a Crimeia
- 1855 – “Sebastópol em dezembro” é saudado com entusiasmo e confere a Tolstói a condição de celebridade nacional; chega a São Petersburgo e conhece pessoalmente Turguêniev e outros escritores
- 1856 – Morte do irmão Dmítri; dá baixa do exército
- 1857 – Primeira viagem à Europa Ocidental
- 1859 – Abre uma escola para os filhos dos camponeses em Iásnaia Poliana
- 1860 – Segunda visita à Europa Ocidental, para estudar pedagogia; morte do irmão, Nikolai
- 1861 – É nomeado juiz de paz depois da emancipação dos servos; abre mais escolas e funda uma revista educacional
- 1862 – Incursão da polícia secreta em Iásnaia Poliana enquanto Tolstói está em Samara; casa-se com Sófia Behrs
- 1863 – Começa a escrever *Guerra e paz* (publicado em 1869); nascimento do primeiro filho, Serguei
- 1871 – Compra uma propriedade na província de Samara
- 1872 – Publica sua *Cartilha* e reabre, por um curto período, a escola de Iásnaia Poliana
- 1873 – Começa a escrever *Anna Kariênina* (publicado em 1877)

- 1875 – Publicação da *Nova cartilha*
- 1877 – Torna-se devoto — visita o Mosteiro Optina Pustin
- 1878 – Reconciliação com Turguêniev; encontros com sectários em Samara
- 1879 – Renuncia à fé ortodoxa
- 1880 – *Confissão* (circula em cópias *samizdat* em 1882)
- 1882 – Apela ao tsar implorando clemência para os assassinos de Alexandre ii
- Junção e tradução dos quatro *Evangelhos*
 - A família se muda para Moscou, onde passa os meses de inverno
- 1882 – *Crítica da teologia dogmática* (publicado em 1891)
- *Em que acredito* (circula em *samizdat* em 1884)
- 1883 – Conhece Vladímír Tchertkóv; *Evangelho resumido* publicado na França
- 1885 – Sônia assume a publicação dos primeiros textos de ficção de Tolstói
- Primeira tradução para o inglês de *Uma confissão* e *Em que acredito*
- 1886 – *Então, o que devemos fazer?; A morte de Ivan Ilitch; O poder das trevas*
- Primeiras traduções inglesas de *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*
- 1887 – *Sobre a vida* (primeira publicação em francês em 1889)
- 1888 – Nasce o último filho de Tolstói, Ivan
- Nasce o primeiro neto de Tolstói (filho de Ilia e Sônia)
- 1889 – *A sonata a Kreutzer* circula imediatamente em *samizdat*
- A irmã de Tolstói, Macha, torna-se freira
- 1890 – Após audiência com o tsar Alexandre iii, Sônia obtém permissão para publicar *A sonata a Kreutzer*; Tolstói é anatematizado
- 1891 – Renuncia aos direitos autorais sobre suas obras e divide suas posses e propriedades entre a esposa e os filhos. A essa altura, já se tornou vegetariano e abstêmio e abandonou o hábito de fumar e caçar
- 1892 – Campanha de assistência humanitária às vítimas da fome na província de Riazan
- 1893 – *O reino de Deus está em vós* é imediatamente publicado em tradução
- 1894 – Morte do primeiro “mártir” tolstoísta; primeiros encontros com os *Dukhobors*
- 1895 – Morte de Ivan Tolstói, pouco antes de completar sete anos; Tolstói começa a praticar ciclismo
- 1896 – A primeira colônia tolstoísta é fundada na Inglaterra

- 1897 – Tchertkóv parte para o exílio na Inglaterra; funda uma editora para publicar textos de Tolstói
- 1898 – *O que é arte?*
- 1899 – *Ressurreição* (os royalties do romance custeiam a emigração dos *Dukhobors* para o Canadá)
- 1901 – Excomunhão
- 1902 – Recupera-se de uma grave doença na Crimeia
- 1904 – Tchertkóv recebe autorização para retornar do exílio
- 1908 – *Não posso me calar!*
- 1910 – Morre na estação ferroviária de Astápovo





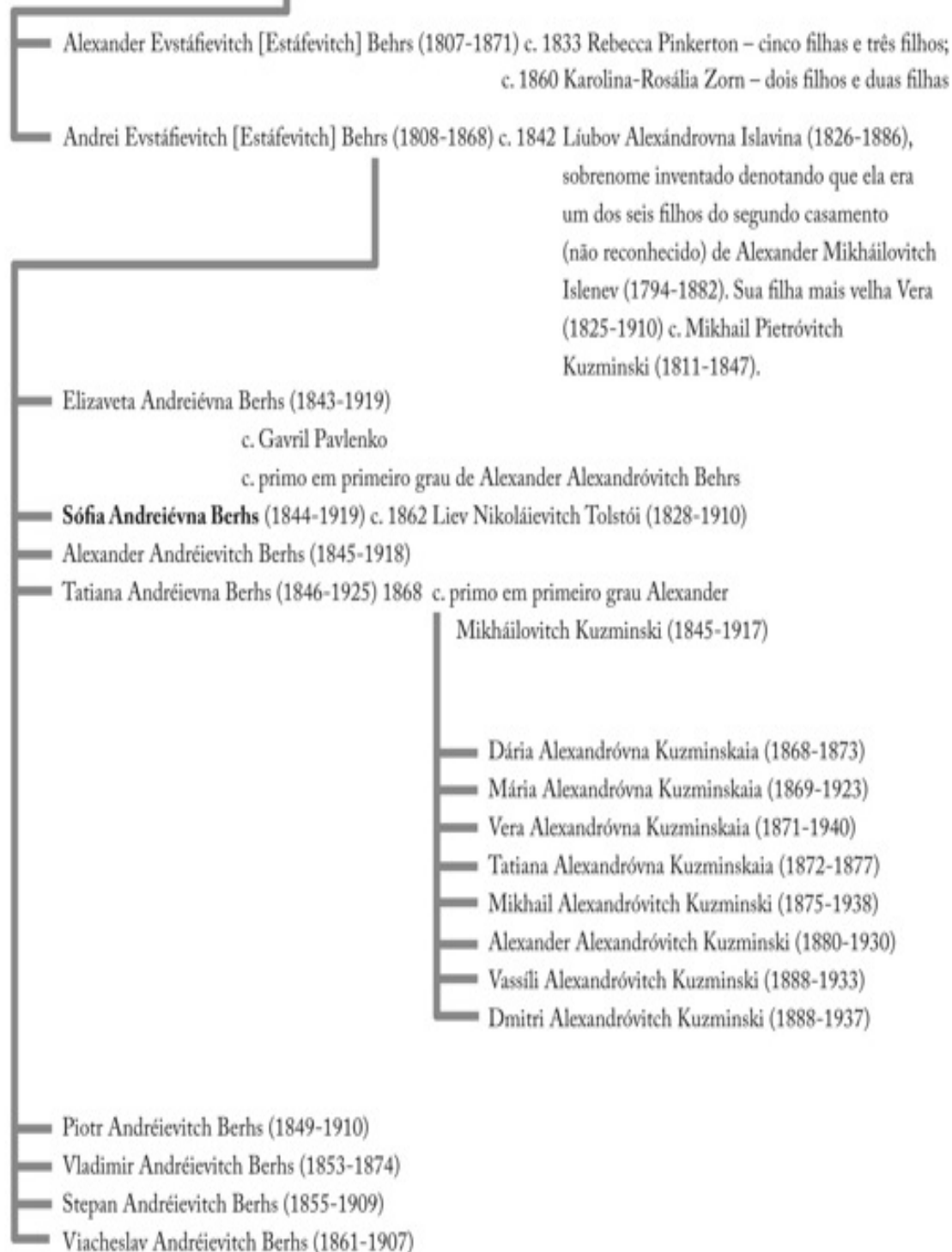


Árvore Genealógica da Família Tolstói

Nota: as árvores genealógicas das famílias Tolstói e Berhs aqui reproduzidas não são exaustivas, e visam principalmente esclarecer a origem familiar e a cronologia dos antepassados e descendentes de Tolstói e sua esposa Sônia.

Johann Bär (1725-1758) c. Mária Ivánovna Alexeievna

Evstafi Iogánnovitch [Gustav Johann] Berhs c. Elizaveta Ivánovna
[forma russificada de Bär] Vulfert [Wulfert]



Arvore Genealogica da Família Berhs

O Império Russo durante o reinado de Nicolau II





Introdução

Em janeiro de 1895, no auge do rigor do inverno russo, Liev Nikoláievitch Tolstói saiu de Moscou para passar alguns dias na propriedade rural de velhos amigos. Ele acabara de ter outra acalorada rusga com a esposa por causa da publicação de uma nova narrativa, estava se sentindo sufocado na cidade e queria espaiar vestindo seu velho casaco de couro e seu chapéu de pele e fazendo longas caminhadas em meio à brisa límpida e gelada, bem longe das pessoas e do meio urbano. Seus anfitriões tinham se dado ao trabalho de mandar limpar as trilhas da fazenda, mas Tolstói não gostava de andar em veredas bem cuidadas e demarcadas. Mesmo já quase septuagenário, ele preferia as longas marchas no ermo, e por isso invariavelmente se aventurava além da cerca do jardim e andava a passos largos na neve funda, na primeira direção a que seus olhos o levassem. Certa noite, os mais jovens da casa dos anfitriões tiveram a ideia de seguir as pegadas de Tolstói, mas tiveram de desistir, ao constatar que era muito grande a distância entre os buracos deixados na neve macia pelas botas de feltro do escritor.

Entre os contemporâneos de Tolstói, era bastante comum a sensação de não serem capazes de acompanhá-lo, uma vez que ele deixava pegadas gigantes em todas as áreas de sua vida. Depois de contrair enormes dívidas de jogo na juventude, época em que concebeu ideais ambiciosos e fracassou na tentativa de viver à altura deles, Tolstói passou a escrever romances extremamente longos e gerou mais de dez filhos. Quando saía para cavalgar com os filhos homens, eles mal conseguiam acompanhá-lo. Depois, veio a tornar-se o líder moral da nação, e um dos homens mais famosos e influentes do mundo. A tendência para o monumental e para a grande escala sempre foi uma característica marcadamente russa, desde os tempos de Ivan, o Terrível, que ergueu um vasto império multiétnico conquistando três canados mongóis no século xvi. Pedro, o Grande, consolidou a tradição elevando o espaço à principal qualidade distintiva de sua nova capital, São Petersburgo, que brotou em tempo recorde em meio aos pântanos finlandeses. Quando

Catarina, a Grande, morreu no final do século xviii, a Rússia tinha se tornado também tremendamente rica. Seus aristocratas podiam dar-se ao luxo de construir palácios suntuosos e reunir extravagantes coleções de arte, bem mais imponentes do que seus congêneres ocidentais, com quem seu estilo de vida rivalizava em ostentação. Mas a pobreza russa também era colossal, perpetuada por um desumano sistema de castas em que uma ínfima minoria da nobreza ocidentalizada regia uma população de servos agrilhoados obrigados a viver em condições degradantes. Tolstói era a um só tempo o produto dessa cultura e talvez sua expressão mais distinta.

Muitas pessoas que conheceram Tolstói notaram sua hipersensibilidade. Ele era como uma flor de girassol em sua aguda receptividade às mais ínfimas gradações da experiência física e emocional, e é sua inigualável capacidade de observar e articular em obra criativa esses detalhes do comportamento humano que faz com que sua prosa seja tão envolvente. A consciência de seus personagens é ao mesmo tempo particular e universal. Tolstói também era hipersensível em outro aspecto, pois em diferentes períodos de sua vida ele personificou uma miríade de arquétipos russos, do “nobre arrependido” ao “santo louco”. Somente a Rússia poderia ter produzido um escritor como Tolstói, mas somente Tolstói pode ser equiparado ao mesmo tempo tanto a um tsar quanto a um camponês. Desde que nasceu, no seio de uma família aristocrática nos idílicos arredores de Iásnaia Poliana, seu lar ancestral, ao dia em que de lá saiu pela última vez aos 82 anos de idade, Tolstói viveu uma vida profundamente russa. Ele começou a ser identificado com seu país logo depois de publicar o épico nacional *Guerra e paz*, ainda aos 34 anos de idade. Mais tarde, foi comparado a Ilia Muromets, o mais famoso *bogatyr* russo — um guerreiro medieval semimítico, que nasceu paralítico e até os 33 anos de idade não conseguia sequer se mover, mas depois realizaria grandes façanhas defendendo o reino. Ilia Muromets é o tradicional símbolo de força física e espiritual da Rússia. Aos olhos de muitos de seus admiradores estrangeiros, Tolstói também é sinônimo de Rússia. “Ele é parte tão integral da Rússia, tão representativo do caráter russo e tão profético do desenvolvimento russo quanto o próprio Krêmlin”, escreveu Sir Henry Norman, político liberal inglês, pouco depois de visitar Tolstói em 1901. Já para o escritor austríaco Stefan Zweig, Tolstói não tinha “um rosto próprio; ele possui a face do povo russo, porque nele a Rússia toda vive e respira”.

Tolstói viveu uma vida russa, e viveu muito mais vidas do que a maioria dos russos, revelando tanto o “dionisismo natural” quanto o “ascetismo cristão” que o filósofo Nikolai Berdiaev define como as características do povo russo. Antes de mais nada, Tolstói viveu a vida de sua classe privilegiada, foi educado com refinamento por tutores estrangeiros e tinha inúmeros servos à disposição. Tornou-se um abastado proprietário de terras aos dezenove anos, e imediatamente começou a dar mostras da tendência russa ao exagero, dissipando sua herança com cantores ciganos e jogatina. Vilarejos inteiros — e depois sua casa — foram vendidos para saldar suas dívidas. Tolstói também fez jus à reputação de latifundiário depravado, tirando proveito de sua posição para abusar das servas, e depois assumiu outra das identidades clássicas do nobre russo: tornou-se oficial do exército. Para a maior parte de seus camaradas militares, o passo seguinte seria a aposentadoria e o recolhimento em alguma propriedade rural, mas Tolstói tornou-se escritor — o mais promissor jovem autor de sua geração. Nesse momento, começou a dar sinais de anarquismo latente: não quis pertencer a nenhuma fraternidade literária em particular e, em virtude de suas ideias excêntricas e de sua natureza combativa, não demorou muito para se indispor com a maioria de seus colegas de ofício. Turguêniev desapontou Tolstói por não levar a escrita tão a sério quanto ele e por ser excessivamente submisso à Europa Ocidental. A obra criativa de Turguêniev tinha ligação tão estreita com a Rússia quanto a de Tolstói, mas o autor de *Pais e filhos* vivia em Paris. Tolstói viajou duas vezes ao exterior, mas estava enraizado de corpo e alma na Rússia.

À medida que foi amadurecendo sob a influência dos escritores e filósofos que moldaram suas ideias, Tolstói inevitavelmente tornou-se membro da *intelligentsia*, a classe inerentemente russa de pessoas unidas por sua educação e sua postura geralmente crítica com relação ao governo. Além disso, a profunda culpa que ele agora sentia em relação ao campesinato russo fez dele um nobre arrependido, envergonhado por sua cumplicidade na imoral instituição da servidão. Como os populistas, Tolstói começou a ver os camponeses como a melhor das classes sociais da Rússia e o futuro do país, e quando a servidão foi por fim abolida ele se lançou à tarefa de ensinar as crianças camponesas a ler e a escrever. Mas era um homem de temperamento mercurial, e um ano depois abandonou sua rede de escolas informais para se casar e constituir família. A estabilidade emocional propiciada por sua devotada esposa Sófia (Sônia) Berhs deu a ele condições de se tornar o

Homero da Rússia: *Guerra e paz* foi escrito no período mais feliz de sua vida.

A consciência hiperativa de Tolstói não permitiu que ele seguisse o caminho de grande romancista, e na metade da década de 1870 o autor de *Guerra e paz* retomou o trabalho educacional. Dessa vez ele desenvolveu seu próprio sistema de alfabetização e compôs cartilhas e livros de leitura para ensinar crianças russas de todas as classes sociais a ler e a escrever. Tolstói aprendeu grego antigo sozinho, depois escreveu suas próprias traduções simplificadas das fábulas de Esopo, bem como historietas de lavra própria, uma compilação de contos sobre *bogatyrs* russos e passagens de leituras sacras. A escola de Iásnaia Poliana foi reaberta, e alguns dos filhos mais velhos de Tolstói atuavam como professores. Durante esse período, mais do que em qualquer outra época de sua vida, Tolstói foi um pai dedicado, e levou a família para passar pouco ortodoxas férias de verão numa propriedade recém-adquirida na estepe de Samara, entre *bachkires*^[1] e cavalos. Ele se deleitava com aquele estilo de vida tosco e primitivo, sentimento que não era compartilhado por sua esposa.

Na segunda metade da década de 1870, tudo começou a se desenredar. Em 1873, ano em que começou a escrever *Anna Kariênina*, Tolstói falou abertamente pela primeira vez em nome do campesinato pobre e fez um apelo de âmbito nacional, pedindo ajuda em face da penúria e da fome iminentes. *Anna Kariênina*, ambientado na Rússia de seu tempo, reflete a busca de respostas empreendida pelo próprio Tolstói diante da depressão, da crise espiritual, do temor da morte e das ideias suicidas. Inicialmente, Tolstói encontrou consolo e sentido na fé religiosa e tornou-se um dos milhões de peregrinos que cruzavam a Rússia a caminho dos mosteiros santos. Como muitos outros de seus colegas intelectuais, Tolstói foi atraído para os eremitas do Mosteiro Optina Pustin — monges que haviam se afastado da hierarquia eclesiástica ressuscitando as tradições ascéticas dos primeiros Pais da Igreja, e que eram reverenciados por sua sabedoria espiritual. Contudo, descobriu que a maior sabedoria estava nos camponeses, e da segunda vez que foi a Optina Pustin, por lá caminhou usando roupas de camponês e sapatos de palha, como um *strannik* (“errante”, “peregrino”). Os membros da seita dos *stranniks* passavam a vida peregrinando a pé de um mosteiro a outro, vivendo de esmolas. O espírito nômade está entranhado na Rússia, e com o passar do tempo Tolstói passou a desejar ardentemente

juntar-se a eles. Ele já começara havia muito a usar roupas de camponês, mas logo quis também abdicar de seu dinheiro e distribuir suas propriedades.

Da extrema devoção, Tolstói passou ao extremo niilismo. No fim da década de 1870, ele começou a ver a luz, e sua jornada espiritual ganhou a forma de um livro de grande fôlego chamado *Confissão*. O escritor empreendeu também uma investigação crítica da teologia ortodoxa russa e realizou uma “nova e aperfeiçoada” tradução dos quatro Evangelhos. Ao longo da década de 1880, Tolstói tornou-se um apóstolo da doutrina cristã que resultou de sua revisão profunda e completa das fontes originais; ao mesmo tempo, sua fé recém-descoberta o incitava a se manifestar contra a imoralidade que ele agora via em todas as instituições estatais, da monarquia para baixo. A vida doméstica de Tolstói agora ficara bastante tensa, particularmente depois que ele renunciou aos direitos autorais de todos os seus textos novos e distribuiu entre a família todas as suas propriedades. Entre as diversas seitas não oficiais que proliferavam por toda a Rússia, e cujos seguidores eram em sua maioria camponeses, Tolstói encontrou espíritos afins ao seu e, gradualmente, tornou-se ele próprio o líder de uma nova seita, cujos seguidores, contudo, eram em sua maioria gente como o próprio Tolstói: membros da pequena nobreza com peso na consciência. Esses “tolstoístas” às vezes competiam entre si para ver quem levava a vida moralmente mais pura, abrindo mão de dinheiro e propriedades, ganhando o pão com o suor do próprio rosto e tratando todas as pessoas como “irmãos”. Foi assim que, em certo verão, um tolstoísta mais fervoroso chegou a abrir mão de sua túnica, chapéu e sapatos de palha, feliz por não ser mais escravo de seus bens materiais.

No final da década de 1890, Tolstói já era o homem mais famoso da Rússia, celebrado por diversos tratados e panfletos — escritos em tom contundente e explosivo — que formulavam suas ideias e opiniões sobre o cristianismo, a Igreja Ortodoxa e o governo russo, textos que eram lidos com avidez ainda maior justamente por terem sido censurados e proibidos: circulavam largamente no esquema de *samizdat*.^[2] Foi quando Tolstói encabeçou uma campanha de ajuda humanitária, durante a grande fome de 1892, que sua posição como a maior autoridade moral russa tornou-se incontestável. O resultado foi o afluxo constante de uma multidão de visitantes diante de sua porta em Moscou, muitos deles querendo simplesmente apertar sua mão. Entre eles, estava um jovem de 23 anos, Sierguiêi Diaghilev, que um dia apareceu — com característica afronta,

acompanhado de seu primo — e imediatamente notou a incongruência entre os trajes camponeses de Tolstói e suas “maneiras cavalheirescas de falar e de se portar”. Tolstói tinha ido para casa descansar alguns dias, depois de um período trabalhando numa campanha de auxílio humanitário emergencial contra a fome na província de Riazan, e falou com os jovens e sofisticados estetas de São Petersburgo sobre sopões comunitários. Dhaligev compartilhou com a mãe as impressões que teve do escritor:

Quando saímos à rua, nossas primeiras palavras foram exclamações: “Mas ele é um santo, é mesmo um santo!”. Ficamos tão comovidos que quase fomos às lágrimas. Havia algo de tão inexprimivelmente sincero, tocante e sagrado na pessoa do grande homem. É engraçado que mesmo muito tempo depois ainda podíamos sentir o cheiro da barba, que tínhamos tocado quando o abraçamos.

Em suas últimas décadas de vida, Tolstói recebia milhares de visitantes e tinha a reputação de quase nunca se recusar a receber quem quer que fosse. Não demorou muito para que ficasse conhecido como o “Ancião de Iásnaia Poliana”.

Ao longo da vida, Tolstói recebeu mais de cinquenta mil cartas, das quais nove mil vieram do exterior. Com a ajuda da eminência parda do movimento tolstoísta, Vladimir Tchértkov, que se incumbia de recrutar secretários e secretárias, Tolstói se esforçava ao máximo para responder ao maior número possível de cartas (há 8.500 cartas impressas em suas *Obras completas*, e deve ter havido muitas mais). Herdeiro de uma proeminente família nobre, Tchértkov tornou-se amigo de confiança de Tolstói e supervisionou a edição de seus textos tardios. A família de Tolstói invariavelmente sentia-se negligenciada. Sua esposa, Sônia, assumia o fardo das responsabilidades domésticas e da administração da propriedade, ocupando-se, quase como mãe solteira, da educação dos oito filhos, alguns dos quais bastante indisciplinados. Ela também se encarregava da árdua tarefa de publicar os textos antigos do marido, o que garantia à família alguma renda, mesmo que essa lucrativa iniciativa fizesse Tolstói sofrer. Não era fácil ser membro da família Tolstói. Em 1892, Sônia escreveu ao marido: “Tânia disse a alguém em Moscou, ‘Estou tão cansada de ser filha de um pai famoso’. E eu estou cansada de ser a esposa de um marido famoso, posso assegurar”.

A fama de Tolstói aumentou ainda mais quando ele publicou seu último romance, *Ressurreição*, iniciado anos antes, e cujos direitos encaminhou para ajudar os *dukhobors* [3]. — membros de uma seita religiosa cristã cujas ideias o escritor admirava — a emigrarem para o Canadá, onde lhes foi oferecida

uma região despovoada em que poderiam professar suas crenças livremente, sem a perseguição do governo. Exasperada com a virulenta sátira que Tolstói faz de uma missa em um dos capítulos do romance, a Igreja Ortodoxa Russa por fim o excomungou, e assim Tolstói se juntou à ilustre galeria de apóstatas russos — rebeldes como Stenka Razin e Emelian Pugachev. Em virtude de sua fama, Tolstói tinha condições de fazer o que pouquíssimas outras pessoas na Rússia podiam: expressar abertamente suas opiniões. O governo era impotente para detê-lo, pois caso o célebre escritor fosse preso ou exilado haveria um escândalo internacional. Tolstói se aproveitava da situação comportando-se como um “santo louco”, o que lhe permitia falar francamente com o tsar sobre o fracasso do soberano no papel de líder da nação. Era disseminada a noção de que Tolstói era o “verdadeiro” tsar.

Ao longo de seus 82 anos, Tolstói viveu muitas vidas, mas no rol de arquétipos russos há algumas exceções dignas de nota. Ele nutria uma longa aversão, por exemplo, pelos comerciantes, que formavam uma classe à parte na sociedade russa, e um desprezo igualmente aristocrático pelos *chinovnik*, representantes da burocracia imperial, e pelos *raznochinets*, os membros “de classes mistas” da *intelligentsia* que vinham de origens sociais mais baixas e eram via de regra “ocidentalistas” radicais, ávidos pela luta por reformas sociais. Tolstói tampouco era um “Oblómov” — o mais famoso personagem de Ivan Gontcharóv, que, apático, demora vários capítulos simplesmente para sair da cama. A despeito de todos os seus esforços, Tolstói jamais conseguiu adquirir a primordial virtude russa da humildade, que Oblómov manifesta sem esforço algum. Embora não seja russa, há ainda outra vida que poderíamos acrescentar à lista: Tolstói é visto quase como um checheno honorário. O pequeno Museu Tolstói em Starogladkovskaia, base militar onde Tolstói esteve aquartelado na década de 1850, foi o único museu em território checheno a não fechar durante a guerra mais recente com a Rússia, ao passo que o Museu Nacional, em Grózni, foi profanado. A estátua de Tolstói em frente ao museu também permaneceu intacta.

Tolstói é admirado pelos chechenos por ter feito amizade com eles durante sua temporada no Cáucaso (fato bastante incomum em se tratando de oficiais russos, que tendiam a tratar os nativos com desprezo), e por ter escrito sobre eles com tintas favoráveis. De acordo com o trineto de Tolstói, Vladimir Ilitch, que em 1994 se tornou diretor do Museu Iásnaia Poliana, “O povo checheno julga que Tolstói escreveu com veracidade sobre os eventos lá ocorridos e sobre o caráter dos povos montanheses, sua luta pela

independência e pela liberdade e sobre suas particularidades religiosas e étnicas”. Salavdi Zagibov, que em 2008 sucedeu seu pai no cargo de diretor do Museu Tolstói, em Starogladkovskaia, também notou semelhanças entre as doutrinas pacifistas de Tolstói e do líder sufi do século XIX, Kunta Hadji, pastor checheno. O Museu de Starogladkovskaia foi reaberto em dezembro de 2009, depois de reformas custeadas pela fundação pessoal de Ramzan Kadirov, presidente da Chechênia.

Ainda que seja universalmente considerado um dos maiores escritores do mundo, Tolstói continua sendo uma figura contraditória e polêmica. Seu casamento já estava em grave crise quando conheceu Vladimir Tchértkov, mas foi sua submissão ao dedicado amigo que fez com que uma situação que já era péssima se deteriorasse definitivamente no seu último ano de vida. Por causa da influência de Tchértkov sobre o espólio de Tolstói, de início a versão que Vladimir tinha dos eventos prevaleceu sobre as vozes dissidentes, levando a melhor especialmente com relação à visão da viúva do escritor, a quem Tchértkov tinha substituído nas afeições. A publicação, em 2006, de uma coleção de artigos acadêmicos dedicados à memória de Sônia, e, em 2010, da primeira biografia russa de Sófia Tolstáia dão testemunho das profundas mudanças de atitude que prontamente se seguiram ao colapso da União Soviética.

Sônia pode ser perdoada por ter ficado paranoica e histérica no último ano de vida do marido. E, em grande medida, ela pode ser perdoada porque seu marido a tratava muito mal, a julgar por todos os relatos. Os pontos fortes de Tolstói eram também suas fraquezas, e sua atitude com relação ao sexo feminino em geral não é nada admirável. Sônia não aderiu ao vegetarianismo, como fizeram Tolstói e as filhas do casal, e tampouco queria abrir mão de seu dinheiro e doar suas propriedades; ela queria apenas manter o estilo de vida confortável a que estava acostumada. Sônia era uma mulher talentosa que, de maneira abnegada, deixou de lado todos os interesses que poderia ter cultivado para continuar dando à luz os filhos que o marido queria e para ajudá-lo como uma espécie de copista e secretária particular. Por muitos e muitos anos, ela auxiliou e cuidou de um homem cujo ego o cegava para as necessidades de sua própria família; era injusto da parte de Tolstói esperar que ela o seguisse mansamente em sua busca de uma vida mais ascética e espiritualmente iluminada pelo simples fato de que ele decidira que era hora de mudar. Contudo, ela também tinha defeitos, e sua rigidez a impediu de ver que podia ser tão controladora quanto Tchértkov.

Tolstói teve seu quinhão de detratores. Um dos mais eloquentes e espirituosos é Alexander Boot, admirador do Tolstói artista, mas também autor de críticas ácidas e destrutivas sobre o Tolstói pensador:

Ele desejava ser mais que um romancista, ainda que genial. Ele desejava ser mais do que um profeta ou vidente, embora isso pudesse ter sido um bom começo. Ele queria ser Deus [...]. Ele queria corrigir os erros de Deus por ter permitido que o mundo se tornasse imperfeito e pecaminoso. Ele, conde Tolstói [...] estava determinado a usurpar o emprego de Deus. Mas o emprego já tinha dono, e a deidade teimou em se manter agarrada ao cargo. Por isso, Tolstói declarou guerra contra Deus e lutou com todos os meios de que dispunha. Infelizmente, embora tenha tentado diversas estratégias de ataque, todas camufladas sob o disfarce da verbosidade pseudocristã, Tolstói acabou perdendo. Como vingança, de fato negou Deus, o Pai, ignorou Deus, o Filho, e rejeitou Deus, o Espírito Santo. Era inadmissível que alguém pudesse derrotar Tolstói e sair impune.

Boot reconhece o enorme impacto de Tolstói em movimentos da Era Moderna, tais como o vegetarianismo, o anticapitalismo e a defesa dos direitos dos animais, e seus argumentos são convincentes, embora também seja preciso levar em conta o fato de que a filosofia da não violência preconizada por Tolstói foi reverenciada por Gandhi, Wittgenstein e Martin Luther King. Ademais, ver Tolstói principalmente como artista e pensador é negligenciar seu trabalho humanitário.

Além de suas grandes obras ficcionais, talvez o maior legado de Tolstói tenha sido seu impacto na vida russa durante sua vida. Mesmo que não tivesse deixado uma obra literária, Tolstói poderia ser louvado por sua tentativa de melhorar os níveis de alfabetização em um país em que, no final do século XIX, uma porcentagem ínfima da população sabia ler e escrever; por promover ações humanitárias para atenuar o desastre nacional que era a fome; e por ter a coragem de falar algumas verdades sobre um regime corrupto, complacente e insensível à pobreza de seus súditos. Inúmeras pessoas se aproximavam de Tolstói com reservas, mas se convenciam de sua sinceridade. Alguns dos filhos de Tolstói se esforçaram para fazer o contrário daquilo que seu pai praticava, mas suas filhas eram devotadas a ele. E há algo de tocante em seu incansável gosto pela vida, por mais obstinadas que fossem suas ideias.

A maior tarefa com que se depara um biógrafo de Tolstói é o desafio de compreender um homem que foi verdadeiramente sobre-humano. E foi uma tarefa a que o próprio Tolstói se lançou desde o momento em que começou a escrever diários, no final da adolescência, hábito que jamais abandonou, especialmente em seus últimos anos de vida. Tolstói nunca parou de tentar entender a si mesmo em sua escrita, fosse por meio da esfera pública de seus personagens ficcionais, fosse na esfera semiprivada das anotações em seus

diários. De fato, como sugeriu a estudiosa Irina Paperno, ele parece ter desejado amplificar a extraordinária façanha levada a cabo em sua ficção — a de articular processos latentes e ostensivamente psicológicos — ao “se transformar em livro” em seus diários. Se a tentativa de abarcar e descrever a evolução de sua consciência era um projeto fadado ao fracasso, como tantos sonhos utópicos russos, a própria infinitude da empreitada é, todavia, uma reafirmação da humanidade de Tolstói.

A tarefa de mapear a jornada artística e intelectual de Tolstói se mostrou um empreendimento colossal também para os maiores especialistas russos no autor de *Anna Kariênina*. É sintomático que o portentoso catatau biográfico de vários volumes que seu antigo secretário Nikolai Gusev iniciou na década de 1950 seja modestamente intitulado *Materials for a Biography* [Subsídios para uma biografia]. Gusev morreu aos 85 anos de idade, em 1967, sem concluir a obra, e sua pupila Lídia Gromova-Opulskaia assumiu o bastão. Embora tenha acrescentado dois volumes aos quatro de Gusev, ela também morreu antes de completar a empreitada, deixando ainda por escrever os últimos dezoito anos de vida de Tolstói (antes de falecer em 2003, a eminente acadêmica lançou a edição definitiva da obra completa reunida de Tolstói, em cem volumes). Embora sejam escassas as fontes sobre os primeiros anos de vida de Tolstói, o que eventualmente obriga o pesquisador a confiar nas memórias por vezes erráticas e incompletas do escritor, compiladas já na velhice, a abundância de fontes acerca dos últimos anos cria problemas de outra ordem para o biógrafo. A fama de Tolstói era tão grande que muitos episódios de sua “hagiografia” foram registrados e estabelecidos não somente enquanto ele ainda estava vivo, mas relativamente jovem: a primeira biografia foi publicada — em alemão — quando Tolstói tinha pouco mais de sessenta anos. Os inumeráveis clichês atrelados à *vita* de Tolstói — “o grande escritor da terra Russa”, o “Ancião de Iásnaia Poliana” — também podem intimidar o pesquisador, bem como as muitas contradições com que se debatia sua personalidade. A vida de Tolstói é rica e fascinante, mas também profundamente mitificada, inclusive por ele mesmo.

Nos primeiros anos de casamento, enquanto estava escrevendo *Guerra e paz*, Tolstói insistia em ter sua jovem esposa por perto, e por isso Sônia invariavelmente se enrodilhava aos pés do marido no tapete de pele de urso — um troféu de caça — junto à sua mesa de trabalho. Mais tarde, ele passou a trabalhar em reclusão, mas, ao longo dos muitos anos em que foram marido e mulher, os Tolstói liam os diários um do outro, o que significa que suas

confissões jamais podiam ser realmente privadas. No caso de Sônia, foi nas cartas que escreveu à irmã Tânia que se expressou de forma mais sincera e espontânea; a escrita de seu diário era marcadamente insegura e artificial. Já para Tolstói, sempre ligado de maneira profunda à sua terra e aos que nela trabalhavam, havia desde o início aquela ânsia bastante russa de unidade, até o ponto em que as fronteiras entre o público e o privado por fim se embaralhavam. Tolstói levou uma vida russa.

Ancestrais: os Tolstói e os Volkonski

A extraordinária beleza da primavera no campo este ano despertaria os mortos. A cálida brisa noturna fazendo as folhas jovens farfalhar nas árvores, o luar e as sombras, os rouxinóis voando acima, abaixo, ao longe e à mão, os sapos a distância, o silêncio e o ar perfumado e aromático — tudo isso acontecendo de súbito, não à hora habitual, é muito estranho e bom. Ainda há, pela manhã, a brincadeira de luz e sombras na grama alta e já verde-escura junto às bétulas na avenida, bem como os miosótis e as espessas urtigas, e tudo — em especial o balanço das bétulas na avenida — é exatamente igual ao que era no momento em que reparei pela primeira vez e comecei a amar essa beleza, sessenta anos atrás.

Carta a Sófia Tolstáia, Iásnaia Poliana, 3 de maio de 1897

“Por nascimento, educação e maneiras, papai era um verdadeiro aristocrata. Apesar do blusão de lavrador que ele invariavelmente usava, apesar de seu completo desprezo por todos os preconceitos da nobreza, ele era um cavalheiro, e continuou sendo até o fim de seus dias.” Assim um dos filhos de Tolstói, Iliá, resumiu aquela que talvez seja a maior das contradições na personalidade de um homem cuja vida toda foi repleta delas. Durante a maior parte de sua vida, Tolstói jamais questionou seu status de *barin* (proprietário de terras), e sentia orgulho de sua ascendência nobre. Ele continuou se comportando como um aristocrata muito depois de ter abdicado de seu título e começado a usar roupas de camponês, porque estava no seu sangue. “Embora usasse trajes de camponês, ele não tinha nem o aspecto nem as maneiras de um camponês. Nenhum mujique [camponês russo] tinha aqueles olhos penetrantes ou seu ar de superioridade”, escreveu o economista James Mavor ao refletir sobre seu encontro com o escritor de 71 anos de idade em

1899. Fosse por conta das palavras de alguém que via um camponês tostado de sol caminhando por uma estrada rural e notava que havia nele algo “em desacordo com suas vestes”, conforme comentou sua tradutora norte-americana Isabel Hapgood, fosse pela maneira como Tolstói invariavelmente usava a forma polida de tratamento quando falava com as pessoas, o fato é que em sua conduta e seu porte sempre se manteve algo de desafiadoramente aristocrático.

Tolstói certamente compartilhava com sua família a profunda reverência pelos ancestrais. O escritor adorava os mitos em torno deles, e a sensação de que a eles estava vinculado ao longo das sucessivas gerações. De acordo com um especialista russo, o autor de *Anna Kariênina* estava inclusive convencido de que “existia antes de ter nascido, de que era o produto de todos os ancestrais que viveram muito antes dele”. Essa sensação de fazer parte de um *continuum* era sem dúvida profundamente importante para um escritor cuja vida estava ligada de maneira tão arraigada à história de seu país. Tolstói adorava também o fato de que o passado de sua família era uma lembrança constante no ambiente físico de Iásnaia Poliana, a propriedade rural onde passou a maior parte da vida, e que, segundo comentaria seu filho Lev, ele considerava “uma parte orgânica de si mesmo”. O adorado lar de Tolstói pertencia à família havia muitas gerações; ali ele nasceu e passou a primeira infância rodeado de retratos de família, móveis e relíquias de seus antepassados, e Iásnaia Poliana foi o único lugar em que se dizia realmente feliz. Nada mais adequado, portanto, que ele mesmo se tornasse parte orgânica de Iásnaia Poliana, sepultado em um bosque na fazenda. “Para mim é difícil imaginar a Rússia e minha atitude em relação à Rússia sem Iásnaia Poliana”, observou Tolstói em 1858, no início de um ensaio que planejava escrever sobre o verão anterior, que passara na fazenda. Ele explicou que sem Iásnaia Poliana até seria capaz de entender certas leis gerais sobre a Rússia, mas não a amaria com tamanha paixão, e que essa era a única forma de amor pela pátria que ele conhecia.

O culto de Tolstói por seus ancestrais, além de ter sido um emblema de orgulho, fundamental para seu próprio senso de identidade, também forneceu a inspiração para seus grandes romances. Seu duradouro interesse pela geração da Revolta Dezembrista de 1825, por exemplo, que serviu de inspiração para *Guerra e paz*, foi em parte estimulado por seu parentesco distante com Serguei Vólkonski, um dos líderes da insurreição e herói da guerra contra Napoleão. Tolstói chegou a conhecer Vólkonski pessoalmente

em Florença, em 1860. Depois de ter sido anistiado por Alexandre ii, Volkonski retornara havia pouco de seu exílio de trinta anos na Sibéria, e a essa altura já era idoso. Três anos depois, quando Tolstói começou a escrever *Guerra e paz*, seus ancestrais tornaram-se os protótipos indispensáveis de muitos dos personagens centrais do romance, razão pela qual vale a pena retroceder várias gerações no nosso estudo sobre a vida de Tolstói.

Em sua ficção, Tolstói tinha compromisso com a verdade, mas por alguma razão jamais submeteu sua história familiar à mesma aguda análise racional que aplicava à maior parte das outras coisas. Assim, até a velhice, continuou acreditando que sua família descendia de um imigrante alemão de nome Dick. Entre os livros de sua biblioteca, havia quatro volumes traçando a genealogia das mais importantes famílias aristocráticas russas, e Tolstói acreditava no que estava escrito — que seu primeiro ancestral chegara à Rússia na Idade Média, e que seu sobrenome era simplesmente uma tradução de *dick*, que em alemão significa “gordo”. Era isso que Tolstói dizia a visitantes estrangeiros curiosos sobre suas origens familiares, e que foi reproduzido em suas primeiras biografias. Evgeni Soloviov, por exemplo (cuja biografia era vendida por 25 copeques em 1894, quando Tolstói tinha 84 anos), explica que *tolsty* — a palavra em russo para “gordo” (com acento tônico na primeira sílaba) dera origem a *Tolstye* — “os Tolstói”. De *Tolstye* derivara então a palavra Tolstói, com acento tônico na segunda sílaba.

Não existe nenhuma evidência que sugira que esse suposto imigrante alemão, fundador da dinastia Tolstói, tenha de fato existido, nem de que na velha Moscóvia fosse prática aceita e corrente traduzir para o russo os sobrenomes estrangeiros. Contudo, na família Tolstói a crença em sua origem germânica fincou raízes profundas. Na década de 1840, “Der Dicke” era o epíteto com que supostamente Nicolau i se referia a um de seus generais, o conde Piotr Alexándrovitch Tolstói, parente distante de Liev Nikoláievitch, que serviu como embaixador em Paris nos anos cruciais que antecederam a invasão napoleônica. Talvez o tsar, ele próprio um germanófilo, tivesse a intenção de fazer um elogio à família Tolstói ao aludir à sua origem germânica. Mas talvez a explicação seja simplesmente o fato de que o venerável conde era bastante corpulento.

Em outra lenda que corria na família, teria sido um alemão chamado Indros o suposto fundador da dinastia Tolstói. De acordo com anais de genealogia russa que remontam ao século xvii, em 1352 o tal Indros emigrou do Sacro Império Romano-Germânico, acompanhado dos dois filhos e de três

mil homens, fixou residência em Chernigov, mudou seu nome para Leonti e se converteu à ortodoxia russa. Contudo, Nikolai Gusev, ex-secretário de Tolstói, se perguntava, e com razão, como esse senhor feudal e sua enorme comitiva teriam conseguido percorrer sãos e salvos milhares de quilômetros e atravessar diversos Estados geralmente em guerra entre si. Em primeiro lugar, por que tentariam fazer tamanha jornada, e por que escolher como destino a politicamente insignificante Chermigov? Há também o fato inconveniente de que em meados do século xiv a peste bubônica assolava a Rússia, bem como o restante da Europa, o que estava longe de ser um incentivo aos espíritos pioneiros. O neto de Tolstói, Serguei Mikháilovitch, também partidário do singularmente resistente mito familiar das origens germânicas, complicou ainda mais a questão ao sugerir que Indros era na verdade um conde flamengo chamado Henri de Mons, que partiu para a Rússia depois de uma malograda expedição ao Chipre. Contudo, parece pelo menos provável que os Tolstói possam atribuir sua linhagem ao lendário bisneto desse progenitor, Andrei Kharinótovitch, que levou a família para Moscou no início do século xv e cujo corpanzil granjeou-lhe o apelido que com o tempo originaria o ilustre sobrenome da família.

Em 1682, quando o antigo sistema hierárquico feudal foi abolido, as famílias nobres se apressaram em registrar sua genealogia junto ao Estado, de modo a legitimar sua reivindicação do status de nobreza. Outro fato que lança dúvidas sobre a teoria de que os Tolstói descendiam de imigrantes germânicos é que praticamente todas as famílias que registraram sua genealogia alegavam ancestralidade estrangeira (em sua maior parte espúrias), na esperança de melhorar sua reputação junto ao tsar. Entre os seis signatários que submeteram os primórdios da história da família Tolstói ao Registro Heráldico Russo em Moscou, em 1686, estava o funcionário da corte Piotr Andréievitch, que décadas depois se tornaria o primeiro conde Tolstói. Piotr foi um indivíduo excepcional, e o primeiro Tolstói a entrar para os livros de história; tinha um evidente talento criativo e, provavelmente, foi o inventor das lendas sobre seus primeiros ancestrais, o que permite concluir que a aptidão da família para a escrita de ficção também remonta a vários séculos.

Piotr Andréievitch Tolstói (1645-1729) teve uma vida extraordinária. Homem de imensa energia e mente brilhante, também era conhecido como traiçoeiro, já que rapidamente mudou de lado e declarou fidelidade a Pedro, o Grande, pouco depois de o primeiro imperador russo roubar o poder de sua

meia-irmã Sófia, em 1689. Piotr jogava suas cartas com habilidade. Em 1697, aos 52 anos de idade e já avô, tinha demonstrado suficiente lealdade para ser enviado pelo tsar Pedro para a Itália com o propósito de estudar navegação e construção naval, juntamente com muitos filhos de famílias nobres. Um deles era seu quase contemporâneo Bóris Pietróvitch Cheremetev, que ocupava posição social bastante superior e viajava com uma enorme comitiva, incluindo um escriba. Piotr Tolstói, em contraste, estava acompanhado apenas de um soldado e um servo e escrevia seu próprio diário, o que propicia um relato bem mais interessante e informativo da vida italiana vista por olhos russos.

Durante o período de um ano e quatro meses que passou longe de casa, Piotr Andréievitch percorreu a Itália de cabo a rabo, de Veneza a Bari, e pôde estudar com algum detalhe a vida e os costumes sociais italianos. Uma vez que viera da “Divina Mãe Moscou”, onde a cultura secular era escassa, não surpreende que em boa parte do seu diário as atenções sejam voltadas para a Igreja. Entretanto, Piotr Andréievitch retornou a Moscou erudito e sem barba, e a visão de um cristão ortodoxo russo imberbe provavelmente deve ter chocado muitos de seus contemporâneos (a fundação de São Petersburgo ainda demoraria alguns anos). Piotr Tolstói foi um dos primeiros russos a usar roupas ocidentais nos últimos anos da velha Moscóvia. Anos antes de Pedro, o Grande, dar início à importação por atacado da cultura ocidental, ele ostentava um impressionante conhecimento das letras europeias, bem como maneiras requintadas e afetadas.

Em 1701, vendo em Piotr Andréievitch um brilhante potencial diplomático, Pedro nomeou-o o primeiro embaixador russo em Constantinopla. Era tarefa das mais difíceis ter a esperança de melhorar as relações com a *Sublime Porta*, como era conhecido o governo otomano, e que somente no reinado de Pedro, o Grande, tinha travado três guerras contra a Rússia. Piotr Tolstói passou os últimos anos de sua missão diplomática definhando na Fortaleza Iiedikule (“Sete Torres”) — a masmorra onde os embaixadores cujos países estavam em guerra com o Império Otomano eram tradicionalmente encarcerados. Mas Tolstói era um homem inquieto, que tinha a necessidade constante de se dedicar a alguma tarefa. Antes ou depois de o sultão Ahmed ii declarar guerra em 1710, ele recorreu a seus conhecimentos de latim, que tinha adquirido em sua temporada italiana, para produzir a primeira tradução para o russo das *Metamorfoses* de Ovídio.

Quando Piotr Tolstói retornou à Rússia em 1714, Pedro, o Grande, tinha não apenas fundado São Petersburgo, mas fizera da cidade a nova capital. Tolstói acompanhou o tsar em algumas viagens ao exterior, e em 1717 foi incumbido da mais delicada e complexa das missões. Ele devia ir a Nápoles e persuadir Aleksiei, o filho errante de Pedro e herdeiro do trono, a voltar para a Rússia. Hostil às reformas do pai, Aleksiei buscara refúgio em Viena com seu cunhado, o imperador Carlos vi, que, de modo a evitar uma crise diplomática, abrigara o filho do tsar a salvo em Nápoles. Piotr Andréievitch teve de recorrer a meios nefastos e a toda sorte de mentiras, trapaças, ardis e informações falsas, mas sua missão foi bem-sucedida. Assim que voltou para a Rússia, o *tsarevitch* (“filho do tsar”), Aleksiei, foi imediatamente levado à masmorra da Fortaleza de São Pedro e São Paulo, onde foi submetido a interrogatórios por crime de traição. Morreu pouco depois.

Piotr também participou dos interrogatórios. Ele não era muito benquisto pela população russa em geral, mas foi recompensado com regalias pelo agradecido tsar, que o condecorou, nomeou-o senador e deu a ele vastas porções de terra. Quando ganhou o título de conde — em 1724, no dia da coroação da esposa de Pedro, Catarina i, como imperatriz, um ano antes da morte do tsar —, Piotr era um dos homens mais poderosos da Rússia. Mas suas maquinações para assegurar que Isabel, filha de Catarina, a sucedesse no trono seriam o motivo de sua ruína. Após a morte de Catarina, em 1727, o rival de Tolstói, Menchikov, mandou prendê-lo na Fortaleza de São Pedro e São Paulo. Aos 82 anos de idade, Piotr foi condenado à morte e imediatamente privado de seu título, suas condecorações e suas terras. Antes da execução, a sentença foi comutada para o exílio na prisão do Monastério de Solovetski, localizado numa ilha do Círculo Ártico. Como era condizente com sua posição, na jornada de trinta dias até chegar à prisão, Piotr foi escoltado por cem homens, primeiro por terra até o porto de Arkhangelsk, e depois através das águas congelantes do Mar Branco. Ali Tolstói ficou em confinamento solitário, proibido de receber e enviar correspondências, e só tinha permissão para sair, agrilhado, para o serviço religioso.

O Monastério de Solovetski fora fundado no século xv por dois monges bastante industriais que consideravam a vida em um claustro comum fácil demais. Eles buscaram um lugar em que pudessem levar a vida na mais absoluta privação física, emulando os ascetas do deserto dos primeiros tempos do cristianismo, e o encontraram em “Solovki”, as remotas ilhas Solovetski, onde, no auge do inverno, não há luz do sol. A devoção e a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tolstói, A Biografia"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).